

ARQUIVADOR

- “K”, letra “K”...

É, cá estou procurando mais uma pasta! Não estou me queixando, é minha rotina: “arquivar coisas” e se eu reclamar se torna mais chato, e de chatice esse serviço não carece. “Arquivador”; tudo bem, acredito que essa palavra não existe, mas é o que sou. Acho que existo, mas pensando bem, se tudo que existe tem nome - nem que se chame coisa - minha profissão faz de mim: nada. É estranha essa obstinação obsessiva por nomear que nós temos, mas sem nomes no resta o que? Apontar? Hum, então o problema talvez não seja nomear, e sim indicar. Indicar tudo! Não sei como seria se não houvesse indicações, não sei como compraria pão, ou mesmo como encontraria as pastas aqui, mas já achei o problema e isso basta, achar a solução é coisas para os estudados.

- Karen, achei.

“Rá”! Posso não achar soluções, mas pastas eu acho. Quem sabe se colocassem as soluções em pastas eu poderia encontrá-las para resolver os problemas. Esse é meu dever: procurar papéis que guardam outros papéis. Claro que aqueles são os resistentes e durparadouros (feitos de papelão) e estes os importantes, todavia isso não me passa de mero fato, pois de guardar e retirar papeis sustento-me, nada mais.

- Maria, Maria...

Teia - nº 4 - maio/2012 - crônica.

Maria geralmente é o nome mais complicado, existem muitas Marias: Maria, Maria da conceição, Maria das Dores, Maria Lúcia, Maria Marta, Maria Rosa, Maria Xavier...

- Maria Geruza, está aqui.

Às vezes eu penso que a vida das pessoas está aqui, claro que estão lá, ou acolá, porém o que vale na vida dos outros fica aqui. O que seriam os milagres de Deus se ninguém soubesse deles? Bom, eu não sei, mas com certeza um mestre sem diploma por aqui não arruma nada.

- Patrícia... Patrícia Sarto.

O cheiro do papel é nostálgico, ou hipnótico, só sei que me faz pensar. Qual será motivo de eu estar pensando essas coisas que não se ligam em semântica ou cronologia? Talvez pro meu cérebro faça sentido narrar mentalmente minhas atividades. Acho que as letras das pastas devem ter poder sobre meu cérebro, pois costumo mudar de assunto quando mudo de prateleira. Talvez essas letras não vieram do acaso, ou de uma convenção qualquer, podem ser presentes, presentes de alguma criatura que quer nos ensinar algo ou nos escravizar por meio do alfabeto. O que eu ainda não sei é se o projeto original era nos escravizar com o alfabeto em sua perfeita ordem, ou nas maluquices que tentamos fazer com ele. O fato é que escravos somos. Agora chega! Isso já é paranóia! Acho que o cheiro do papel causa é alucinações! Para provar a mim mesmo que isso é ilusão da minha mente fadigada e não um poder transcendental do léxico contido nas pastas, vou manter o assunto sobre paranóia até o fim da última estante!

- Quesler...

Teia - nº 4 - maio/2012 - crônica.

toc toc toc

- Guichê!

...

- Olá, boa tarde!

- Boa tarde, eu queria um formulário para requerimento de matrícula.

- Um momento.

...

- Aqui.

- Obrigada.

- De nada.

- Ah, também queria saber qual dia começa a matrícula.

- É dia 16 e 17, mas só esses dias.

- Ta bom, tchau.

- Tchau.

...

- Onde eu estava? Atender guichê não é comigo, fico perdido. As estantes não me perguntam nada, nem as pastas, só escondem-se às vezes.

- Ah é, Quesler.

O único com letra “Q”, fácil de se achar. Difícil deve ser ter de viver e sofrer o alvorecer como Quesler. Ao menos ele existe, “Arquivador” ainda não.

- Zulmira Maria, até onde não tem Maria, tem Maria!

Esse nome, Zulmira, foi feito para ser o último da lista, na ordem alfabética, além de ter a última letra tem em seguida a última vogal. Jogral por pensar isso? Não acho que sou só um tonto distraído nas filas horizontais de pastas. Arquivos, bibliotecas, estoques, todos esses ambientes foram criados para serem hipnotizadores, têm cheiro de papelão. Pa-pe-lão. Está para se criar um material mais paradoxal que este, todo o fusionismo reencarna nesse tal de Pa-pe-lão, o qual envolve tudo de novo que compramos, e abarca tudo de velho que guardamos. O paradoxo não para por aí, o papelão daqui guarda documentos velhos, títulos, diplomas conseguidos há anos, porém estão arquivados para garantir o futuro. Futuro que por causa das regras do sistema se torna preguiçoso – preguiçoso, pois é assim que meu pai chama quem escora nas coisas - afinal o sujeito se dedica anos para ver chegar um futuro promissor e quando esse aspirado porvir chega, já está cansado com preguiça e se apóia, escora, e descansa sobre o passado. É, ele chega se apoiando e averiguando as coisas que eu estoco nos papelões e se não forem o bastante, o sujeito fica sem futuro.

- DESGRAÇA! Mudei de assunto.

Ramon S. Ribeiro¹

¹ Graduando em Letras pela FALE/UFMG